

TEÓFILO BRAGA E OS PERIÓDICOS NA DIFUSÃO DO POSITIVISMO EM PORTUGAL

Manuel Gama
Departamento de Filosofia e Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

«Um dos benefícios, que o pensamento filosófico deve ao positivismo, é o da atenção que hoje desperta a metafísica. A metafísica inconsciente de uns (como os próprios positivistas) e a metafísica de outros eram feitas na tranquila inocência do instinto ou na confiança de quem usa um direito indiscutível.»

LEONARDO COIMBRA, *O Criacionismo (Esboço de um Sistema Filosófico)*, 1912, p. 1.

I

Dentro da vastíssima produção intelectual de Teófilo Braga (1843-1924), a colaboração em periódicos de tendência republicana é muito extensa. Entre esses periódicos estavam *O Pensamento Social*, *A Vanguarda*, *A Voz Pública*, *O Mundo*, *O Paiz*, *A Lucta*, *A República*, *O Povo*, *A Manhã*, *O Norte*¹. No entanto, o enfoque do nosso estudo é dirigido para as revistas, que foram sobretudo órgãos do movimento positivista em Portugal, e nas quais Teófilo Braga - o «Litré português», na expressão de Joaquim de Carvalho² - teve papel fundamental. Estamos a referir-nos a *O Positivismo* (1878-1882), *Era Nova* (1880-1881) e *Revista de Estudos Livres* (1883-1886), com sede em dois pólos geográficos distintos: o Porto (a primeira revista) e Lisboa (as duas outras). Se nos projectos das duas cidades, a figura de mestre é exercida pela mesma pessoa, Teófilo Braga, já o papel executivo é distinto: no Porto, cabe a Júlio de Matos, em Lisboa, a Teixeira Bastos.

¹ Cf. José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª edição revista e aumentada, Caminho, Lisboa, 1989.

² Joaquim de Carvalho, «Teófilo Braga», em *Idem, Obra Completa*, Vol. II – História da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982, p. 567.

Júlio de Matos (1856-1922), então jovem estudante de medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, será o grande impulsionador no lançamento do primeiro órgão da filosofia positivista em Portugal. Nota-se nas cartas que sobre o assunto escreve a Teófilo Braga, não só a energia da sua juventude, como também o voluntarismo próprio dos neo-convertidos. Depois do abalo da sua crença no espiritualismo e do descrédito no materialismo, foi a leitura de Comte, a conselho de Teófilo Braga, que lhe reorientou o sentido, como, em carta, confessa ao próprio conselheiro: «Foi então que o Dr. me falou em Comte e me incitou a lê-lo. Salvei-me. Tudo lhe devo.»³

O “convertido” é interiormente suscitado a espalhar a (sua) boa nova, conforme dá igualmente conta ao mestre, numa outra carta: «Um pequeníssimo núcleo de positivistas concebeu aqui a ideia de criar-se entre nós uma Revista Positiva, destinada a vulgarizar as ideias da escola e a oferecer nas diferentes ciências particulares, artigos elevados e conscienciosos ao grupo limitado dos que lêem e pensam.»⁴ Refere também na mesma missiva, que a realização da sua proposta concretizaria ainda o objectivo de dar um sentido de escola aos vários elementos irmanados nas mesmas ideias: «Não lhe parece [referindo-se a Teófilo Braga] que a criação dum jornal, nas condições que figuro, seria o melhor modo de produzir a convergência mental indispensável a todo o nosso progresso e ao mesmo tempo um meio de reunir todos os esforços dispersos dos que trabalham na nossa ordem de ideias?»⁵

Entende-se, e é legítimo, o afã de divulgação das ideias, sobretudo quando elas têm, ou pretendem ter, com um carácter pioneiro. A lâmpada não é para colocar debaixo do alqueire. Sobre os inícios e a difusão do positivismo em Portugal, o geral já foi escrito, nomeadamente por Álvaro Ribeiro⁶ e por Fernando Catroga⁷. Aqui,

³ *Apud* António Ferrão, «Teófilo Braga e o Positivismo em Portugal», em *Academia das Ciências de Lisboa. Boletim da Segunda Classe*, Lisboa, vol. XIX, 1924-1925, p. 343.

⁴ *Apud Id., Ib.*, p. 344.

⁵ *Apud Id., Ib.*, p. 345.

⁶ Cf. Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas. Subsídios para a História da Filosofia em Portugal*, s.e., Lisboa, 1951.

centraremos a nossa atenção nos periódicos. E se o primeiro veículo de difusão do positivismo em Portugal é concretizado no Porto (1878), logo se segue novo empreendimento, com semelhante intencionalidade, desta vez em Lisboa (1880), com a revista *Era Nova* que, perdendo o seu fôlego, prontamente um novo órgão lhe sucede, a *Revista de Estudos Livres*, a partir de 1883. Nos projectos de Lisboa, sendo o mentor o mesmo da capital do Norte, Teófilo Braga, já o executivo do empreendimento será o seu aluno e discípulo dilecto, Teixeira Bastos. Se acrescentarmos o nome do professor de Direito da Universidade de Coimbra, Manuel Emídio Garcia, igualmente director do jornal officioso do Centro Republicano de Coimbra, *O Partido do Povo* - também divulgador do ideário positivista – temos, então, os mais destacados elementos de difusão das teorias de Comte: Teófilo Braga, Manuel Emídio Garcia, Júlio de Matos e Teixeira Bastos⁸. Centraremos a nossa análise sobretudo nas duas revistas de Lisboa, sem, no entanto, não esquecer a revista *O Positivismo*.

II

Quando a *Era Nova* apareceu em Lisboa, em 1881 (embora o volume se reportasse ao biénio de 1880-1881), ainda *O Positivismo*, na capital do Norte, estava em publicação. Apesar deste último periódico, realmente, ser um veículo das ideias comteanas, não deparamos com algo aparentado com um editorial, onde se exponham os objectivos da publicação. No lugar do suposto editorial, encontramos uma espécie de manifesto, intitulado «Disciplina Mental», saído da pena de Teófilo

⁷ Cf. os seus estudos: «Os Inícios do Positivismo em Portugal. O seu significado político-social», em *Revista de História das Ideias*, Coimbra, I (1977), pp. 287-394 e «A importância do Positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal», em *Biblos*, Coimbra, LIII (1977), pp. 285-327.

⁸ Neste mesmo domínio, àqueles podem acrescentar-se outros nomes de certa relevância em Portugal, como Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso, e Vasconcelos Abreu (todos escritores e professores do Curso Superior de Letras de Lisboa) e Basílio Teles, Alexandre da Conceição e Horácio Ferrari (trio de escritores), aos quais se deverão juntar ainda António Cândido e Ramalho Ortigão.

Braga. Aí se faz a apologia das ciências e se anota o aparecimento de Augusto Comte como um marco de um novo *estado* no saber, o estado positivo, num tempo em que «as afirmações teológicas e metafísicas desfazem-se por si mesmas»⁹.

Por seu lado, o periódico lisbonense inclui um texto inicial, intitulado «Era Nova», no qual se faz um enquadramento e se explicam os propósitos da nova publicação de orientação positivista. Logo a iniciar o texto editorial é dito que

«A dissolução espontânea do Romantismo e a renovação científica principiada inconscientemente e sem critério filosófico, no meio da indisciplina mental, foi adquirindo pouco a pouco a orientação salutar e consciente da filosofia positiva. [...] O espírito positivo propaga-se rapidamente e vai-se apossando da direcção das sociedades.»¹⁰

Países onde a disciplina científica tende a dirigir a sociedade são apontados os casos da França, Itália, Inglaterra e Alemanha. Por seu lado, em Espanha, onde o conflito entre a teologia e a metafísica ainda estava presente, havia poucas adesões.

Já em «Portugal – constata-se aí – a filosofia positiva encontrou adeptos com mais facilidade, porque a dissolução teológica fora apressada pela educação metafísica e científica da Universidade, das Politécnicas e das Escolas de Medicina. [...] O próprio sentimento nacional aceita esta orientação [...]»¹¹

Perante aquele quadro mental lusitano, a disciplina positiva e a revista que lhe dá suporte são apresentadas como o limiar de uma nova fase e como o início de “revivescência nacional”, figurando, pois, como o grande objectivo do novo projecto:

«O pensamento que nos guia na fundação deste periódico é consignar mensalmente os factos significativos da evolução progressiva da nossa nacionalidade no sentido da reorganização social e procurar contribuir para o maior desenvolvimento da *disciplina positiva* das

⁹ Teófilo Braga, «Disciplina Mental», em *O Positivismo. Revista de Filosofia*, 1878-1879, Porto, 1879, p. 5. Onde se afirma também: «Quando Augusto Comte previu as leis da Sociologia, e demonstrou que todas as leis gerais da Astronomia, da Física, da Química e da Biologia se exerciam por uma complexidade crescente nos fenómenos sociológicos [...], então o critério positivo passou a ser mais do que um método, do que uma generalização das ciências, e tornou-se um *estado*, isto é a concepção definitiva da Filosofia geral.» (p. 3).

¹⁰ «Era Nova», em *Era Nova. Revista do Movimento Contemporâneo*, 1880-1881, Lisboa, 1881, p. 1.

¹¹ *Ibidem*, pp. 1-2.

aspirações modernas por meio de estudos científicos, de ensaios sociológicos, de monografias, de críticas, de trabalhos literários, etc., mais ou menos directamente subordinado ao critério seguro da filosofia positiva.»¹²

Neste periódico, que abrange os anos de 1880 e 1881, pontifica de um modo especial a colaboração do mestre Teófilo Braga, com mais de uma dezena de artigos, duas poesias e algumas recensões. De grande relevância são igualmente os artigos do co-director Teixeira Bastos, dentre os quais destacamos: «Acção definitiva da filosofia positiva», «Considerações gerais sobre a filosofia positiva», «A conservação sociológica», «As revoluções sociais nos séculos I e XIX da era vulgar», a que acrescem três poesias e várias recensões de livros (das quais, quatro são de obras do seu “protector” e antigo professor, Teófilo Braga). Outro grande apóstolo do ideário positivista, e co-director da revista das ideias positivistas no Porto, Júlio de Matos, tem também contribuição significativa, como os artigos «Os inimigos da filosofia positiva», «A reorganização da política pela ciência» e «Augusto Comte» (no qual se faz uma marcada apologia da filosofia positiva e se ataca, quer a religião, quer a metafísica).

III

Tendo ocorrido a morte de Émile Littré (em 2 de Junho de 1881), em plena vigência daquele periódico, Teófilo Braga aproveita o passamento, para dedicar algumas páginas ao seu congénere francês. Realça-lhe sobretudo o carácter, por deliberadamente se ter submetido a uma posição subalterna em relação ao mestre Augusto Comte. Vinca também o facto de a obra do discípulo francês não ser muito vasta, não deixando, contudo, de exercer uma superior influência moral. De igual modo, depois de enaltecer o trabalho árduo e tenaz de Littré, nomeadamente na elaboração do *Dicionário da Língua Francesa*, concluído em 1872, Teófilo Braga recorda a prolongada doença do final da sua vida, vivendo os últimos meses em estado de coma. Situação que, segundo o nosso pensador positivista, teria sido aproveitada pelas suas “beatas” mulher e filha, para o isolarem do mundo e lhe darem o baptismo.

¹² *Ibidem*, p. 2. Os itálicos são nossos.

Ou, como veicula ainda o professor do Curso Superior de Letras: «Um discípulo, que o acompanhou à sepultura, disse que os padres lhe haviam roubado o corpo, mas que ficam os livros. É essa a imortalidade do espírito. Littré alcançou-a.»¹³

IV

Embora não sendo dado qualquer motivo para a não continuação daquela revista, é certo que depois de um pequeno interregno temporal, é lançada também em Lisboa, em 1883, uma nova publicação periódica, para dar expressão à filosofia positiva em Portugal, com o título de *Revista de Estudos Livres*. Há algo de novo na sua direcção. Nos Directores Literato-Científicos em Portugal, aparecem nos três números publicados os mesmos da revista *Era Nova*: Teófilo Braga e Teixeira Bastos. No entanto, há também Directores Literato-Científicos no Brasil: no primeiro número, constam os nomes de Américo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero; já no número seguinte não consta o nome de Sylvio Romero, enquanto no terceiro e último número deixa de haver Directores no Brasil.

Invocando a figura de Augusto Comte como «o eminente transformador da Filosofia do século XIX», é explicitado um duplo objectivo deste novo órgão: primeiro, «visa à aplicação dos eternos princípios da liberdade intelectual, moral e política aos acontecimentos actuais, para os julgar e poder deduzir deles as condições do progresso. Todas as investigações nos interessam, com tanto que elas conduzam para um ponto de vista social.» Simultaneamente, há uma preocupação e um alcance luso-brasileiros: «Na crise de transformação mental e política em que vão entrando as duas nacionalidades portuguesa e brasileira, filhas da mesma tradição histórica, nas quais o regime católico-monárquico subsiste pela inércia, mas sem apoio nas consciências, é imensamente necessário um órgão crítico e especulativo que agremiasse os dois povos para a inteligência da sua transição inevitável. [...] A REVISTA DE ESTUDOS LIVRES procura reatar a aliança mental luso-brasileira; eis o seu fim prático resultante do

¹³ Teófilo Braga, «Littré», em *Ibidem*, p. 389.

actual momento histórico.»¹⁴ Tema a que Sampaio Bruno, mais tarde, em 1898, dedicará a parte substancial da sua obra *O Brasil Mental*.

Nos três números trazidos a público, a colaboração é vasta, incluindo os principais representantes da linha positivista em Portugal¹⁵; e também do Brasil, neste caso com artigos de Sylvio Romero (nos dois primeiros volumes)¹⁶ e Tobias Barreto (igualmente no primeiro e segundo volumes)¹⁷. No entanto, a colaboração mais vasta pertence a Teófilo Braga e ao seu discípulo Teixeira Bastos, saindo da pena deste último os artigos de teor mais radical em defesa da doutrina e mentalidade positivistas. Nesse horizonte, ataca a disciplina de Filosofia dos Liceus, o seu «estúpido programa oficial», assim como «os compêndios bestializadores» e «o professorado medíocre e ignorante», apresentando como espelho desta imagem o livro de Pedro Monteiro, professor do liceu nacional de Lisboa¹⁸. Como, igualmente, as divagações metafísicas são vistas como «passeios fantasiosos pelas regiões do incognoscível» e como «puerilidades banais»¹⁹. A única alternativa é, segundo Teixeira Bastos, subordinar a imaginação à experiência e entrar na fase positiva e construir a filosofia científica, «a verdadeira *Filosofia do nosso tempo*»²⁰.

V

¹⁴ *Revista de Estudos Livres, 1883 a 1884*, Lisboa, 1884, p. 3.

¹⁵ Colaboração que, para além dos directores Teófilo Braga e Teixeira Bastos, se estende a nomes reconhecidos na cultura portuguesa como José Augusto Vieira, José Carrilho Videira, José Leite de Vasconcelos, Júlio Lourenço Pinto, Júlio de Matos, Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão, Silva Teles.

¹⁶ No primeiro volume, em *Ibidem*, a colaboração de Sylvio Romero tem por título «Teorias e Históricas e Escolas Literárias no Brasil» (pp. 201-212). No volume seguinte, editado em 1885, a sua prestação é mais vasta, com dois artigos: «Literatura brasileira: Oradores sagrados – Poesia religiosa e patriótica» (pp. 38-44, 129-136, 181-185, 235-244, 281-280) e «Literatura brasileira (Segunda época ou período de desenvolvimento autónómico)» (pp. 328-338, 377-387, 437-448).

¹⁷ A colaboração de Tobias Barreto intitula-se «Ensaio de Pré-história da Literatura Clássica Alemã» (pp. 552-561 do primeiro volume e pp. 28-37, 97-102, 117-121 do segundo volume).

¹⁸ Cf. Teixeira Bastos, «Uma Conferência sobre Filosofia», em *Ibidem*, p. 328.

¹⁹ *Idem, Ibidem*, p. 510.

²⁰ *Idem, Ibidem*, p. 332.

Sobre os poucos anos de vigência d' *O Positivismo*, sabemos a sua razão através das cartas de Júlio de Matos para Teófilo Braga²¹, onde o médico portuense, por exemplo, em missiva datada de 29-03-1883, informa o director-mor da revista: «O “Positivismo” suspende a publicação. Os colaboradores tornaram-se remissos e a publicação andava vergonhosamente atrasada. Os editores dizem em *aviso* do último número que a publicação suspende por causa de trabalhos meus; a verdade sabemos-la nós.»²²

Já sobre a vida curta dos outros dois órgãos, nada conseguimos apurar. Igualmente desconhecemos o motivo do afastamento luso-brasileiro na *Revista de Estudos Livres*, nomeadamente da separação entre Teófilo Braga e Sylvio Romero²³.

VI

No lançamento dos três periódicos, englobando as cidades do Porto e de Lisboa, em que Teófilo Braga está sempre presente, é possível poder ver na intenção do professor do Curso Superior de Letras a ideia de lançar uma escola de cariz positivista, mas tipicamente portuguesa, conforme conjectura Álvaro Ribeiro²⁴.

²¹ Numa dessas cartas se refere que a revista *O Positivismo* até teria dado lucro ao seu editor, dado o elevado número de assinaturas. Na realidade, o problema da interrupção da revista esteve relacionado com a falta de textos dos seus colaboradores. Na correspondência de Júlio de Matos para Teófilo Braga, os possíveis ou retardatários colaboradores são mesmo apodados de «indolentes», «mandriões», «valetudinários» e «remissos» - *Apud* António Ferrão, *Art. cit.*, p. 339.

²² *Apud Ibidem*, p. 405. A substância deste esclarecimento não é incompatível com a hipótese lançada por Álvaro Ribeiro: eventualmente, divergências de orientação entre cientistas e materialistas – Cf. Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas. Subsídios para a História da Filosofia em Portugal*, s.e., Lisboa, 1951, p. 88.

²³ Recorde-se a realização de um colóquio sobre ambos, a que se seguiu a publicação das respectivas actas: *Sylvio Romero e Teófilo Braga. Actas do III Colóquio Tobias Barreto*, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, Lisboa, 1996.

²⁴ Cf. Álvaro Ribeiro, *Op. Cit.*, p. 65.

Perspectiva tanto mais razoável quanto sabemos que Teófilo Braga foi um positivista *sui generis*. Um dos seus principais estudiosos, Amadeu Carvalho Homem, ao caracterizar o seu positivismo, afirma que não se pode concordar que haja «uma transposição mecânica, quase literal, dos quadros mentais comtianos para a ideação de Teófilo Braga.»²⁵ Isto é, apesar de ter adoptado as teses principais do fundador do positivismo: a lei dos três estados, a classificação das ciências e o primado da Sociologia, Teófilo Braga não quis ser uma simples câmara de ressonância das posições de Comte e Littré²⁶. Ainda relativamente à ideia de escola portuguesa, como aduzimos atrás, foi significativo o número dos que acompanharam Teófilo Braga no seu perseverante apostolado. E se estas três revistas foram os meios de propaganda do positivismo entre a elite portuguesa, não podemos esquecer que, concomitantemente, a partir de 1881, foi lançado o jornal *O Século*, dirigido por Jaime de Magalhães Lima, e tendo em Teixeira Bastos o seu redactor principal. Com este diário, as classes menos cultas passaram a ter também acesso ao ideário positivista.

VII

²⁵ Amadeu Carvalho Homem, *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga*, Minerva, Coimbra, 1989, p. 132. Como igualmente chega a advertir que «Pelo que toca à estrutura geral do seu sistema filosófico, é deveras simplista e linear dizer-se que nos encontramos perante o principal cultor e difusor do positivismo em Portugal. As fontes de que se nutriu o seu pensamento são heterogéneas. O seu positivismo é muito *sui generis*.» (p. 134).

²⁶ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 314. Ideia já anteriormente firmada por Álvaro Ribeiro: «Teófilo Braga não foi um positivista ortodoxo, isto é, não foi fiel seguidor da escola de Pierre Laffitte nem acompanhou em tudo a escola de Emílio Littré.» (Álvaro Ribeiro, *Op. Cit.*, p. 63). «Teófilo Braga, pelo menos desde 1873, como um escritor fiel aos princípios do positivismo, não como discípulo servil, mas como intérprete e continuador do pensamento de Augusto Comte.» (*Idem, Ibidem*, p. 77). Na mesma linha vai a interpretação de José Luís Brandão da Luz, para quem Teófilo Braga «não se limitou a reproduzir estas concepções básicas do sistema de Augusto Comte», conforme anota no seu estudo «Teófilo Braga, uma filosofia do aplauso», em *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 1994, p. 209.

No entanto, apesar de tudo o que foi feito, parece-nos que, como doutrina, o comtismo não se enraizou em Portugal. Despido da sua roupagem republicana e descarnado da sua forte vertente anticlerical – factores determinantes da futura actuação republicana –, o positivismo pouca subsistência teve. Com Álvaro Ribeiro, também pensamos «que em consequência das críticas à lei dos três estados, ou do aparecimento de outras doutrinas que explicam de maneira diferente o necessitarismo da história, deixou de haver em Portugal confessados defensores da obra de Augusto Comte.»²⁷

Por outro lado, pensamos também que, nem cultural nem idiossincraticamente, o espírito português está inclinado para o positivismo cientista. O que parece ser mais seminal na sua índole é a ideia de Deus²⁸.

Independentemente da maior ou menor importância destes três órgãos na vida e no pensamento de Teófilo Braga, com Joaquim de Carvalho, que lhe dedicou um atinente estudo global, pensamos que cumpre ler-lhe a obra, embora, na recomendação do referido professor coimbrão, se deva fazê-lo «com prudente reserva e algum arame farpado; mas trabalhou como ninguém em Portugal», merecendo, pois, «a nossa gratidão pelo esforço hercúleo de ter sacrificado a vida à explicação integral [...] do nosso génio literário.»²⁹

BIBLIOGRAFIA

AA. VV., *Sílvio Romero e Teófilo Braga. Actas do III Colóquio Tobias Barreto*, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, Lisboa, 1996.

²⁷ Cf. Álvaro Ribeiro, *Op. Cit.*, p. 101.

²⁸ Cf. nesta linha António Braz Teixeira, *Deus o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, pp. 15 e ss. Ver também António Paim, «Filosofias Nacionais», em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 3^o Vol., Verbo, Lisboa/São Paulo, 1990, cl. 629.

²⁹ Joaquim de Carvalho, «Teófilo Braga», em *Idem, Obra Completa*, Vol. II – História da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982, p. 567.

- BASTOS, Teixeira, «Uma Conferência sobre Filosofia», em *Revista de Estudos Livres, 1883 a 1884*, Lisboa, 1884.
- BRAGA, Teófilo, «Disciplina Mental», em *O Positivismo. Revista de Filosofia, 1878-1879*, Porto, 1879, pp. 1-15.
- BRAGA, Teófilo, «Littré», em *Era Nova. Revista do Movimento Contemporâneo, 1880-1881*, Lisboa, 1881, pp. 384-389.
- CARVALHO, Joaquim de, «Teófilo Braga», em *Idem, Obra Completa*, Vol. II – História da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982.
- CATROGA, Fernando, «Os Inícios do Positivismo em Portugal. O seu significado político-social», em *Revista de História das Ideias*, Coimbra, I (1977), pp. 287-394.
- CATROGA, Fernando, «A importância do Positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal», em *Biblos*, Coimbra, LIII (1977), pp. 285-327.
- COIMBRA, Leonardo, *O Criacionismo (Esboço de um Sistema Filosófico)*, Biblioteca da Renascença Portuguesa, Porto, 1912.
- FERRÃO, António, «Teófilo Braga e o Positivismo em Portugal», em *Academia das Ciências de Lisboa. Boletim da Segunda Classe*, Lisboa, vol. XIX, 1924-1925, pp. 341-406.
- HOMEM, Amadeu Carvalho, *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga*, Minerva, Coimbra, 1989.
- LUZ, José Luís Brandão da, «Teófilo Braga, uma filosofia do aplauso», em *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 1994, pp. 207-222.
- PAIM, António, «Filosofias Nacionais», em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 3º Vol., Verbo, Lisboa/São Paulo, 1990, cls. 626-633.
- RIBEIRO, Álvaro, *Os Positivistas. Subsídios para a História da Filosofia em Portugal*, s.e., Lisboa, 1951.
- TEIXEIRA, António Braz, *Deus o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993.
- TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª edição revista e aumentada, Caminho, Lisboa, 1989.